

| Ensaio

## A FICÇÃO CIENTÍFICA, OS ROBÔS E A MODERNIDADE

- segunda parte -

Por João Matias de Oliveira

EM CONTINUIDADE AO ENSAIO publicado no número anterior desta revista, me proponho a uma dissertação acerca do caráter ficcional e realístico da ficção científica e sua relação com o conceito de modernidade. Tal sugestão foi apresentada tendo em vista os vários paralelos que se pode traçar a partir do ensaio de Isaac Asimov, intitulado “Os robôs, os computadores e o medo”, e os contos presentes na coletânea “Histórias de Robôs”, organizada pelo mesmo autor. O ensaio do Asimov pode ser encontrado nas edições de bolso da LM & Pocket para estas coletâneas de contos, ao todo em três volumes.

Credita-se à ficção científica a distinção de uma ficção intrinsecamente ligada a fatos futuros e ao “mundo da antecipação”, conforme define o próprio Asimov. A consideração não é despropositada: a ficção científica não é somente a que trabalha gêneros em que se dá grande destaque a robôs e modernidades tecnológicas. Ela é, e sobretudo, uma forma de trazer a ciência para o centro dos debates, da ficção e da relação entre sociedade e ciência. O científico, expresso como palavra acompanhante, refere-se mais ao fator ciência x sociedade do que o modelo, em parte difundido pelo cinema hollywoodiano, progresso científico x modernidade. Poderemos esclarecer aqui qual a relação entre uma coisa e outra, e qual o papel do ficcionista em retratar a realidade do seu tempo. Inclusive, a realidade de um tempo que ainda não veio, com olhos para o futuro.

Para Sebastião Vila Nova (2005), “todo ficcionista é, a seu modo, um cientista – cientista social, cientista do comportamento – assim como todo cientista não deixa também de ser um artista” (2005, p.19). O sociólogo argumenta ao ficcionista o poder de representação da sociedade através de sua escrita, rica em poética e profunda no conteúdo. Assim como a ciência, a arte, e esta não é vista somente como uma expressão dos sentidos,

mas também uma forma de conhecimento e explicação do universo, sofreu um contingente e acidental processo histórico de separação ou polarização do saber científico. Arte e ciência foram, até então, formas de saber dicotômicas, intocáveis. Porém, obras de ficção têm inspirado o trabalho de estudiosos da sociedade e do comportamento, e o autor destaca:

*De Freud se diz que afirmava ter aprendido mais sobre os processos mentais lendo Dostoiévski, do que lendo os psiquiatras de seu tempo. A descrição dos costumes da burguesia francesa feita por Balzac teria sido mais proveitosa a Marx do que a leitura dos economistas clássicos, segundo se afirma teria dito o próprio Marx. (...) O cientificismo, mais precisamente, o psicologismo e o sociologismo são as marcas mais visíveis no ideal naturalista de ficção. (VILA NOVA, p.22, 2005)*

Vila Nova ainda utiliza-se do exemplo de Zola, autor de O Germinal, em que o retrato característico do chamado romance social do século XIX demonstra o quanto se produzia neste gênero na França e Inglaterra.

Para conferir maior legitimidade ao valor analítico das obras literárias, na configuração da sociedade de uma época, nada melhor do que o exemplo dos romances de Machado de Assis e José Lins do Rego, retratos de época e realidades diferentes. Dessa forma, arte e ciência são campos que se complementam quanto ao objeto, a sociedade, porém com diferentes expedientes de conhecimento do mundo. Modos diversos, mas não necessariamente excludentes. Isto diz respeito diretamente à relação do homem, o ficcionista, com o universo que lhe circunda, a realidade social. A saber,

*O ficcionista, como o cientista, não é, assim, fiel à realidade. São ambos falsificadores do mundo, e, nisto, aparentados. Fiel à realidade, só ela mesma. Como não seja possível a representação do mundo em sua real complexidade – e representação já significa abstração – o romancista e o cientista são, num aparente paradoxo, tanto mais fiéis à realidade representada quanto mais a falsifiquem, desde que sejam instrumentalmente úteis essas falsificações, para a compreensão do universo observável, não importando que o falsificador seja cientista ou artista. Arte e ciência não são senão falsificadores do universo. E nisto se encontram. (VILA NOVA, p. 26, 2005)*

Até então, tratamos neste ensaio dos romances sociais. Nada ainda sobre a ficção científica, campo em que arte e ciência entram em simbiose radical. E aqui apresento uma

primeira falha do texto, que é a ausência de uma referência ao livro do Bráulio Tavares: “O que é ficção científica”, da coleção Primeiros Passos.

Entretanto, o objetivo deste trabalho é desvendar, sob a ótica Asimoviana, o significado da modernidade para a ficção científica. Sim, se há que registrar algo de característico desse gênero literário está nas menções e no trato da modernidade como pano de fundo. Da coletânea de contos de Isaac Asimov, cujas ideias principais estão no ensaio “Os robôs, os computadores e o medo”, surgem as seguintes perguntas: por que o medo da modernidade (robôs e computadores)? Por que a confiança nas máquinas? Por que a indisposição para adaptar-se ao novo? Por que esta modernidade é substrato para uma incerteza sobre o porvir e a fonte de inspiração dos nossos ficcionistas?

Anthony Giddens, sociólogo inglês, caracteriza a modernidade como uma fase de descontinuidade, por exemplo, de uma sociedade tribal para a emergência de um estado agrário mais consolidado. Momentos de transição, como o do feudalismo para o mercantilismo, entre outros. Assim, o conjunto de descontinuidades associadas ao período moderno é o objeto de interesse de Giddens. Para ele, há um “ritmo de mudança” nítido que a era da modernidade põe em movimento. De tal modo, algumas sociedades tradicionais podem ter tido um ritmo de dinamismo mais acelerado que o de outras tidas por “mais evoluídas” (termo o qual o próprio autor procura desconstruir).

O certo é que em condições de modernidade a rapidez da mudança é extrema. Isto tanto é mais óbvio para nossa sociedade e nossa época quanto maiores forem as inovações tecnológicas. O apreço da ficção científica por máquinas não é despropositado, portanto. A descontinuidade do uso das máquinas Remington para o computador é um fator de impacto na época em que Asimov concebia a preeminência de computadores para operar o sistema bancário ou estabelecer uma interconexão entre pessoas do mundo inteiro. Mas, há um medo. É um fator de risco, destacado pelo sociólogo inglês como uma “faca de dois gumes”, por seu caráter de progresso ou movimento e ao mesmo tempo insegurança às mudanças.

Se há uma caracterização para o que melhor define a modernidade, o dinamismo, esta se encontra em uma separação do tempo e do espaço e da sua recombinação posterior. As íntimas conexões entre a modernidade e a transformação do tempo e do espaço nos remete aos contos em que há viagens no tempo, conexões com espaços diferentes (novas dimensões, viagens intergalácticas) e deslocamentos espaço-temporais contínuos (o “teletransporte”). É o cerne das ideias de Giddens. Sobre o tempo, afirma o autor:

*Todas as culturas pré-modernas possuíam maneiras de calcular o tempo. O calendário, por exemplo, foi uma característica tão distintiva dos estados agrários quanto a invenção da escrita. Mas o cálculo do tempo que constituía a base da vida cotidiana, certamente para a maioria da população, sempre vinculou tempo e lugar – e era geralmente impreciso e invariável. Ninguém poderia dizer a hora do dia sem referência a outros marcadores sócioespaciais: “quando” era quase, universalmente, ou conectado a “onde” ou identificado por ocorrências naturais regulares. (GIDDENS, p. 26, 1991)*

Na esteira deste pensamento, a modernidade surge quando há uma independência do tempo com relação ao espaço. O relógio mecânico, responsável não só pela quantificação das horas em qualquer espaço e lugar, mas também por zoneamentos ou divisões do dia (coisas como, a partir do meio-dia já é tarde), é visto como um fator preponderante das descontinuidades na modernidade. Então,

*O advento da modernidade arranca crescentemente o espaço do tempo fomentando relações entre outros “ausentes”, localmente distantes de qualquer situação dada ou interação face a face. Em condições de modernidade, o lugar se torna cada vez mais fantasmagórico: isto é, os locais são completamente penetrados e moldados em termos de influências sociais bem distantes deles. O que estrutura o local não é simplesmente o que está presente na cena; a “forma visível” do local oculta as relações distanciadas que determinam sua natureza. (GIDDENS, p.27, 1991)*

Não é a toa, seguindo a perspectiva do Giddens, que os termos mais utilizados da palavra “segurança” hoje são empregados por empresas de softwares e assessorias de segurança para bancos e organizações internacionais. O que Giddens quer dizer é que tal advento da modernidade gera a insegurança à medida em que todo mundo pode estar em qualquer lugar ao mesmo tempo, despropositando, por exemplo, a segurança que existia em colocar uma guarda reforçada de frente a um banco, à espera dos ladrões. Os ladrões, porém, utilizam-se de códigos e computadores para roubar o banco. E estes ladrões podem fazer tal operação a quilômetros ou milhas de distância. Por computadores, claro.

Esta conexão entre o local e o global de formas que seriam talvez impensáveis em sociedades mais tradicionais, onde ainda há laços sólidos entre o espaço e o tempo, e as descontinuidades não são sentidas tão rapidamente, afeta rotineiramente a vida de milhões de pessoas. À medida que o progresso gera as vantagens de uma conexão entre mãe e filho através de países diferente, ou seja, na mesma hora e em locais diferentes, o risco oferecido

por um colapso financeiro resultante de uma pane nos computadores põe em risco a economia do planeta. Cada uma das nações deste planeta, com seu fuso horário diferente, pode ser afetada por uma pane ocorrida, talvez, às 12 horas e 58 minutos de um computador qualquer. Isto não seria ficção científica?

Os modos de inserção no tempo e no espaço da nossa “sociedade da modernidade”, além do modo como lidamos com nossas descontinuidades, revelou-nos algumas tragédias nos séculos anteriores: duas guerras mundiais em que se utilizou de computadores e aviões para aumentar as proporções espaço-temporais dos combates; o desenvolvimento de uma bomba de hidrogênio capaz de aumentar o impacto da explosão e matar mais pessoas, em um espaço maior e com menos tempo.

Para encerrar, tendo já falado de ficção, modernidade e tecnologia, disserto um pouco sobre o que reage ao medo das pessoas às inovações. Sentimento este retratado na ficção científica e no ensaio de Asimov como “tecnofobia”, ou seja, aversão à tecnologia considerada maléfica e detentora dos riscos da mudança a que estão sujeitos os protagonistas, cientistas e a sociedade como um todo. Mas, ao mesmo tempo em que há o temor, existe também a confiança. E é sob este amparo que agora trabalhamos.

Ao se referir à Niklas Luhmann, sociólogo alemão, Giddens exemplifica um possível paralelo entre fé e confiança, perigo e risco,

*A confiança, diz ele (Luhmann), deve ser compreendida especificamente em relação ao risco, um termo que passa a existir apenas no período moderno. A noção se originou com a compreensão de que resultados inesperados podem ser uma consequência de nossas próprias atividades ou decisões, ao invés de exprimirem significados ocultos da natureza ou intenções inefáveis da Deidade. (...) A confiança pressupõe consciência das circunstâncias de risco, o que não ocorre com a crença. (GIDDENS, p.38, 1991)*

Tal conceito de confiança revela aquilo que o indivíduo considera em termos de consciência de alternativas para tomar uma ação. Isto é, assumir os riscos de um carro usado quando se pode comprar um novo. Ao se fazer esta transação, estão envolvidas várias confianças: a confiança no vendedor, na reputação da firma para vender um bom carro, no próprio carro e no crédito garantido pós-venda. O indivíduo que não considera suas alternativas está na condição de crença. Calcular os riscos e aceitá-los é engajar-se em uma confiança. Mas, Giddens, em particular, coloca-se contra esta fórmula e admite até mesmo

para uma situação de confiança haver perigos, bem como crenças e até fé nos objetos e na sua “compra” feita pelo usuário. Na coletânea *Histórias de Robôs*, o conto “Fui eu que fiz você”, de Walter M. Miller, é demonstrativo da confiança, risco e fé no futuro do computador enquanto ser autômato.

Ok. Isso demonstra que, se há uma coerência na distinção entre perigo e risco, nem sempre há esta total consciência da ação em situações de confiança em carros, aviões, computadores ou robôs. Neste caso, a confiança seria um tipo específico de crença. Como assim? Há riscos que se enfrenta, quer se goste quer não, como guerra nuclear ou catástrofe ecológica, em troca do enriquecimento de urânio ou do usufruto de bens materiais poluentes. Alguns riscos são inevitáveis: no conto “Guerra com robôs” Harry Harrison mostra o quanto. E tais riscos, enfrentados ao se consumir, por exemplo, determinados produtos agressivos à natureza, traz conscientemente o perigo de uma escassez de recursos naturais. Os riscos estão sempre presentes em uma atitude pensada ou impensada. Logo, esta distinção entre risco e perigo não é assim tão clara. O próprio perigo é determinante para a definição do que é um risco.

Por falar nisso, há tema mais recorrente no conto “Uma Lógica Chamada Joe”, do Murray Leinster, sobre a máquina que respondia a tudo que lhe perguntassem? Havia um risco, o de a máquina cair nas mãos de terroristas e mal intencionados em geral, e o perigo, o fato de uma máquina responder a todas as perguntas pode vir a fragilizar o segredo de governos, casamentos, senhas de banco etc. Aliás, em muitos textos de ficção científica há sempre o risco de uma inovação aparentemente radical, que mude a vida das pessoas, e o perigo do colapso e da desordem.

Correndo o risco de parecer ainda mais chato com toda essa argumentação, destaco ainda a gênese do conceito de confiança como expressa em um conceito de Giddens sobre “sistemas peritos”. Na ótica do sociólogo inglês, sistemas peritos referem-se a “sistemas de excelência técnica ou competência profissional que organizam grandes áreas dos ambientes material e social em que vivemos hoje” (GIDDENS, p. 35, 1991).

Trocando em miúdos, sistemas peritos são objetos materiais nos quais confiamos o saber técnico de um profissional de determinada área para o nosso usufruto desse produto. O simples ato de estar em casa é estar envolvido num sistema perito ou em vários. O projeto da casa é confiado a um arquiteto, um engenheiro e aos trabalhadores para que ela atenda a nossas expectativas e, por exemplo, não caia. Confiamos, então, em nossa competência para escolher o projeto da casa e, indiretamente, na competência deles em

fazê-la. Do mesmo modo, os sistemas peritos surgem na ficção científica na forma de robôs, computadores ou, por exemplo, microchips capazes de monitorar os cidadãos do mundo. Há uma confiança na tecnologia e em seus técnicos. E, sobretudo, uma confiança no efeito benéfico (ou não) daquela tecnologia para o bem de todos. Mas, como se deixa claro no ensaio anterior, os riscos de que uma possível guerra robótica ou informática surja são sempre iminentes, mesmo quando robôs e computadores são destinados a salvar a humanidade (o conto “2066: dia de eleição” de Michael Shaara é exemplo).

A ideia deste ensaio foi a de sugerir tópicos para o possível paralelo entre a realidade social representada na ficção científica e uma leitura filosófica ou sociológica do conceito de modernidade. Cientistas sociais, literatos ou mesmo acadêmicos de todas as áreas poderão traçar um paralelo entre a ficção científica desenvolvida nos anos 50 ou 60 e as aspirações de seus escritores quanto ao futuro da sociedade, do computador, da robótica e do progresso material e tecnológico vigente à época. Talvez o conhecimento de como estes ficcionistas pensavam em determinado tempo diga-nos um pouco sobre as aspirações da sociedade de um tempo ou mesmo do próprio complexo psicológico de que padecia o ficcionista “maluco” ao idealizar carros voadores para o século XXI. O ensaio auto-explicativo de Isaac Asimov é a ponta de lança de um escritor absorvido pela ficção que, além do simples testemunho de época, empenha-se em prever um tempo que ainda não existe para uma sociedade desavisada e inconscientemente antecipatória.

Peço desculpas se este ensaio pareceu prolixo, enfadonho e demasiado científico. Se sim, favor ler como um recurso estilístico, por estar falando de ciência e ficção. Tentei deixar o mais fluente possível (apesar de a temática ser abrangente). Caso a opção anterior seja “não”, agradeço a leitura. De todo modo, para uma melhor compreensão do tema tratado (e muitos podem estranhar a ausência de citações do Asimov), recomendo a leitura da primeira parte de *A Ficção Científica, Os Robôs e a Modernidade*, presente na edição número 5 desta Revista Blecaute.

\* \* \*

## Referências bibliográficas

GIDDENS, Anthony. **As Consequências da Modernidade**; tradução Raul Fiker. São Paulo: Editora UNESP, 1991.

VILA NOVA, Sebastião. **A Realidade Social da Ficção**. Recife: FJN/Editora Massangana, 2005.

---

**JOÃO MATIAS DE OLIVEIRA NETO** (Paraíba/Ceará) – Escritor. Autor dos livros de contos *Aos Olhos de Outro* (2007) e *O Vermelho das Hóstias Brancas* (2009). Blog: <http://blogmatias.org>